

FH promete ser pão-duro em 98, apesar da disputa eleitoral

Presidente critica Congresso pela demora a aprovar reformas

Leandra Peres

Enviada especial

• SANTIAGO. O presidente Fernando Henrique Cardoso confirmou a fama, já conhecida por seus amigos mais próximos, e garantiu que vai continuar sendo pão-duro durante a campanha eleitoral do ano que vem. Em discurso num café da manhã com empresários brasileiros e chilenos, afirmou que a austeridade nos gastos públicos continua em 1998, mesmo com as eleições.

— De minha parte podem estar seguros que sou, como todo mundo sabe, um *amarrete* (pão-duro). Se pelo lado pessoal isso é ruim, no setor público é muito necessário. Não vou gastar. O povo sabe e quer a política de austeridade porque sente isso depois, quando há queda da inflação e melhoria na qualidade de vida — disse. — A novidade agora, e o que vai render votos, é dizer que não se vai gastar — acrescentou, indicando uma estratégia de campanha.

O presidente fez uma crítica à atuação do Congresso quando trata de assuntos econômicos. Disse que tem dúvidas se o Congresso tem noção da importância das coisas que vota ou não vota. Ele afirmou que o Governo faz o que pode com relação à taxa de juros, mas que sem as reformas não pode fazer mais:

Presidente é contra criação exagerada de municípios

A criação exagerada de municípios também foi criticada por Fernando Henrique. Ele disse que brotam como na primavera, mas depois, em vez de flores, aparecem dívidas.

O presidente elogiou a decisão

do Senado de extinguir privilégios dos parlamentares na reforma da Previdência. Na opinião do presidente, a mudança aprovada no Congresso foi um avanço, mas o ideal é a eliminação de todos os benefícios diferenciados. Ele defendeu que a Câmara vote o projeto sem alterações.

— Sou favorável a que se terminem os privilégios. Não quero entrar em detalhes porque se trata de dois outros poderes (Legislativo e Judiciário), mas o Senado deu um passo importante. A posição foi correta. Acredito que a Câmara, diante do clima que existe na opinião pública hoje contra privilégios, vai aprovar o projeto como ele saiu do Senado.

No que depender do presidente, entretanto, não serão apenas os gastos públicos a serem contidos no ano que vem. Os Estados Unidos também terão que partir da teoria para a prática nas negociações da Área de Livre Comércio (Alca), marcadas para abril.

— Sabemos, tanto quanto os chilenos, o quanto custa o protecionismo americano. Não podemos confundir a boa disposição genérica com a prática. Então, nas negociações da Alca, temos que discutir pontos práticos, e não genéricos, com os quais estamos todos de acordo desde que nascemos. Queremos saber como se faz isso, maduramente, sem nenhuma pretensão outra que a integração — alfinetou.

Apesar da crítica, o presidente afirmou que não pretende discutir esse assunto, nem a questão das barreiras comerciais impostas pelos americanos, durante a visita de Bill Clinton ao Brasil em outubro. O presidente citou o sucesso de laranja e o aço, no Brasil, e

o salmão e madeira, no Chile, como exemplos de exportações chilenas prejudicadas pelas regras dos Estados Unidos.

Após reunião com o presidente Eduardo Frei, Fernando Henrique lembrou a convergência de opiniões dos dois países nas negociações para a formação da Área de Livre Comércio (Alca) e o apoio dado pelo Chile à intenção brasileira de ocupar um assento definitivo no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas e disse que nunca houve tanta coincidência na posição defendida pelos dois governos.

FH vende Plano Real a empresários chilenos

O presidente fez questão de mostrar aos empresários e investidores chilenos que a economia brasileira anda muito bem e que a atenção do Governo está voltada para o social. Apresentou números sobre a inflação, prevendo que ficará abaixo de 6% este ano, lembrou das reservas internacionais superiores a R\$ 60 bilhões e não deixou de lembrar que o desemprego está estável desde o início de seu governo.

O déficit público, considerado hoje o maior problema para a consolidação do Plano Real, foi citado por Fernando Henrique como resultado do reconhecimento de dívidas antigas antes não incluídas na contabilidade do Governo.

No lado social, os destaques foram o aumento no nível de salários reais, o número de brasileiros que ultrapassou a linha de pobreza graças ao Plano Real e a economia informal brasileira, que “não é uma tragédia, como se pensava”. ■